



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais

Adriana Magalhães Veiga de Broutelles

TERTÚLIA PEDAGÓGICA DIALÓGICA

Rio Pomba

2020

Adriana Magalhães Veiga de Broutelles

TERTÚLIA PEDAGÓGICA DIALÓGICA

Produto Educacional apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais, *Campus* Rio Pomba, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Beatriz Gonçalves Brasileiro

Coorientador: Prof. Dr. Carlos Miranda Carvalho

Rio Pomba

2020

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Relógio de parede. Havana, 2003-2005	10
Quadro 1 – Comparativo entre as interpretações acerca da primeira fotografia da obra <i>Desobediência Tecnológica</i>	11
Figura 2 – Pavimento improvisado com restos de azulejos coletados pela cidade. Havana, 2012	12
Quadro 2 – Comparativo entre as interpretações acerca da fotografia do pavimento com restos de azulejos	13
Figura 3 – <i>Print</i> da página principal do SIGAA	15
Figura 4 – <i>Print</i> da página de descrição da comunidade virtual	16
Figura 5 – <i>Print da página principal com informações da obra Viagens Pedagógicas</i>	17
Figura 6 – <i>Print da página principal com informações acerca da obra Memórias e Afetos na Formação de Professores</i>	19
Figura 7 – <i>Print da página principal com as informações da terceira obra sugerida</i>	20
Figura 8 – <i>Print da página principal onde estão alocadas as referências</i>	21
Figura 9 – <i>Print da página referente às referências</i>	21
Figura 10 – <i>Print da página principal visualização dos fóruns criados</i>	22
Figura 11 – <i>Print da página das notícias postadas</i>	22
Figura 12 – <i>Print da página de cadastro das enquetes</i>	23

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
1 TERTÚLIA DIALÓGICA NA EPCT	5
2 A TERTÚLIA PEDAGÓGICA DIALÓGICA: ESPAÇOS, TEMPOS E MOVIMENTOS	9
3 CONTRIBUIÇÕES DA COMUNIDADE VIRTUAL “TERTÚLIA PEDAGÓGICA DIALÓGICA”	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	28
REFERÊNCIAS	29

APRESENTAÇÃO

A trajetória das políticas públicas no campo da educação profissional no Brasil aponta rupturas e descontinuidades dos processos de construção de uma educação mais justa e igualitária para o trabalhador. Todavia, a dificuldade de consolidar uma política pública efetiva que atenda às necessidades de uma formação integral de toda sociedade perpassa também os caminhos da formação docente.

Paulo Freire (1997) afirma que todo projeto de educação emancipadora – isto é, que respeite a visão de mundo dos educandos e que os instigue ao pensar crítico, nunca dissociando o ensino do conteúdo do ensino do pensar ético –, exige a formação permanente dos educadores. Entretanto, para que essa formação permanente seja efetiva, é imprescindível a compreensão das especificidades do trabalho desses docentes, dos saberes que eles já articulam pelo seu percurso de docência e de construção humana, de conhecimento de vida e de cultura particular.

Este texto é fruto de pesquisa desenvolvida no ano 2019 com docentes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sudeste de Minas Gerais (IF Sudeste MG) *Campus* São João del-Rei, educadoras e educadores que estiveram diretamente envolvidos/as na construção dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio daquela unidade e que se dispuseram voluntariamente a participar dessa ação dialógica e de coletividade.

Ao trazerem seus saberes heterogêneos e de naturezas variadas, professores e professoras envolvem, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos de um saber-fazer bastante diversos. Uma tertúlia é, pois, um espaço de encontro entre amigas e amigos, de diálogo acerca de uma obra de arte, de um poema, um debate acerca de um tema pertinente àquela comunidade que se reúne.

A proposta da comunidade virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica é propiciar um espaço de aprendizado, de interação, de realização de discussões e apresentação de proposições. Com isso, esperamos contribuir para a compreensão das especificidades do trabalho docente no contexto da Educação Profissional, Científica e Tecnológica (EPCT), assim como estimular novas

perspectivas que possam contribuir com o docente no exercício cotidiano de sua profissão.

1 TERTÚLIA DIALÓGICA NA EPCT

Para compreendermos a proposição de uma tertúlia dialógica na Educação Profissional Científica e Tecnológica, primeiramente, foi necessário compreender as origens da aprendizagem dialógica e como elas se convergiram com a concepção de educação integral defendida pela EPCT.

O vocábulo “tertúlia” é originário da língua espanhola, e como vimos, ela pode ser entendida como um “encontro entre amigos”. Já o termo “dialógico” remete aos conceitos: “ação comunicativa” de Jürgen Habermas e “dialogicidade” de Paulo Freire, alinhando-se ainda com a teoria vygotskiana, na medida em que considera que a aprendizagem se dá pela interação dialógica do homem e seu meio sociocultural (REGO, 2010).

A “ação comunicativa”, segundo Vanessa Gabassa (2006) estabelece uma relação de “verdadeiro diálogo, na qual as pessoas podem expor seus argumentos e tentar chegar a um acordo, por isso ela só pode viabilizar o surgimento de uma sociedade emancipada, mais justa e mais igualitária”, no sentido de “restauração da humanidade” (2006, p. 123). Por outro lado, Gabassa informa que o conceito de “dialogicidade” de Freire é anterior às formulações de Habermas, uma vez que ele é o primeiro a pensar as relações educacionais a partir de uma concepção dialógica, sendo justamente esta concepção que “viabiliza as mudanças que consideramos necessárias para a escola” (GABASSA, 2006, p. 141-142).

Assim, a tertúlia dialógica é uma atividade formativa presente nas *comunidades de aprendizagem*, que busca fundamentação no conceito de “aprendizagem dialógica”, desenvolvido por Ramón Flecha Gracia (*apud* VALLS; MUNTÉ, 2010). Segundo ele, a aprendizagem dialógica refere-se a uma maneira de conceber a aprendizagem e as interações nesse processo.

De acordo com Rosa Valls e Ariadna Munté (2010),

el aprendizaje dialógico se basa en las interacciones y el diálogo como herramientas clave para el aprendizaje, y destaca que para promover el aprendizaje no son sólo importantes y necesarias las

interacciones de las y los estudiantes con el profesorado sino con toda la diversidad de personas con las que se relacionan. (VALLS; MUNTÉ, 2010, p. 12)¹

Segundo Francisca Constantino e colaboradores (2012, p. 135), as *comunidades de aprendizagem* “surtem de experiências bem sucedidas nos Estados Unidos e na Espanha em resposta à ineficácia do ensino tradicional e na busca da superação do fracasso escolar”. Trata-se de uma proposta de transformação social e cultural articulando o espaço da escola com seu bairro, visando ao envolvimento e à integração da escola à vida comunitária. É uma proposta

que convida a todas e todos a fazerem uma transformação não só social e cultural da escola e do seu entorno, mas também uma transformação pessoal, pois exige um educar-se constante por parte de todos os envolvidos (estudantes, professoras/es, funcionárias/os, gestão, familiares, comunidade, etc.), o que significa uma nova forma de ser escola e de estabelecer as relações dentro e fora do contexto escolar. (CONSTANTINO, *et al.*, 2012, p. 220)

Ao ser inserida numa proposta educacional mais ampla – como é o caso das comunidades de aprendizagem – e ao se aliar com a psicologia vygotskiana e com a teoria crítica freireana, a aprendizagem dialógica busca a transformação do contexto e do currículo para potencializar ao máximo os processos de aprendizagem de todos. É nesse sentido que a atividade se sintoniza com a proposta da EPCT, no sentido de de uma educação integral, pública e de qualidade para todos. De acordo com Valls e Munté (2010),

las Comunidades de Aprendizaje persiguen los máximos resultados de aprendizaje pero no para unas cuantas y unos cuantos, las y los estudiantes de grupos privilegiados, sino para todas las niñas y niños, chicas y chicos, poniendo especial énfasis en aquellas y aquellos con menos oportunidades y en riesgo de exclusión social. (VALLS; MUNTÉ, 2010, p.14)²

De acordo com as autoras, pode-se perceber que a proposta de uma aprendizagem dialógica vem corroborar com as lutas e esforços da EPCT por uma

1 [...] a aprendizagem dialógica se baseia nas interações e no diálogo como ferramentas-chave para a aprendizagem e destaca que, para a promoção da aprendizagem, são importantes e necessárias não somente as interações das/dos estudantes com o professorado, como também com toda a diversidade de pessoas com as quais se relacionam. (VALLS; MUNTÉ, 2010, p. 12, tradução nossa).

2 [...] as Comunidades de Aprendizagem perseguem os máximos resultados de aprendizagem, não apenas para algumas ou alguns estudantes privilegiadas/dos, mas para todas as meninas e meninos, moças e rapazes, colocando especial ênfase naquelas/es com menos oportunidades e em risco de exclusão social. (VALLS; MUNTÉ, 2010, p. 14, tradução nossa).

educação que contribua para uma emancipação e maior participação desse sujeito no seu contexto social.

Pensando nessa perspectiva, a atividade com as tertúlias dialógicas será estruturada por 7 (sete) princípios da aprendizagem dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, dimensão instrumental, criação de sentido, solidariedade e igualdade de diferenças (CONSTANTINO *et al.*, 2012, p. 215-216).

Aguilar e colaboradores (2010, p. 34) afirmam que “en la lectura dialógica la comprensión de los textos se hace de forma compartida, los textos se interpretan conjuntamente a través del diálogo igualitario”³. O princípio do diálogo igualitário se apresenta na relevância que se dá a todas as enunciações de forma igual, sem hierarquia. Todas as vozes são consideradas e é por meio da interação que as argumentações vão emergindo e se sustentando. É pela solidariedade e respeito às diferenças de perspectivas que o diálogo se constrói.

É nesse contexto igualitário que se modifica as concepções de “inteligência”, de “capacidade” e de “conhecimento”, todos os participantes, independentemente de níveis de escolarização, constroem essas concepções. Essa perspectiva compreende que a capacidade de aprender e de apreender de diversas maneiras se dá ao longo da vida.

A transformação acontece através das relações estabelecidas e pela ampliação do contexto, que correlaciona uma transformação interna e social. De acordo com Javier Díez-Palomar e Ramón Flecha García (2010, p. 26), a tertúlia dialógica “intensifica las interacciones en torno a actividades de lectura... y miembros de la comunidad, facilitando que las y los estudiantes conozcan otros puntos de vista y así enriquezcan todavía más sus comprensiones”⁴. Ela engloba uma transformação particular junto a uma transformação coletiva, tanto do grupo como de processos mais amplos de transformação social.

Nesse contexto, a dimensão instrumental reforça o direito de acesso por todos aos conhecimentos já consolidados como instrumentais nos processos de escolarização. Reforça que, por meio da democratização desses conhecimentos, é

3 [...] na leitura dialógica a compreensão dos textos se dá de forma compartilhada, de modo que os textos se interpretam conjuntamente através do diálogo igualitário. (AGUILAR *et al.*, 2010, p. 34, tradução nossa).

4 [...] intensifica as interações entre as atividades de leitura e os membros da comunidade, facilitando que as/os estudantes conheçam outros pontos de vista e que assim enriqueçam ainda mais suas compreensões. (DÍEZ-PALOMAR; FLECHA GARCÍA, 2010, p. 26, tradução nossa).

permitida a instrumentalização desses sujeitos para que possam efetivar sua participação nos diversos âmbitos da sociedade: social, político, econômico e quaisquer outros. O ensino e a democratização dos conteúdos mais acadêmicos transformam-se em instrumentos para atuação das pessoas de forma mais autônoma e ativa na sociedade, proporcionando a criação de sentido aos conhecimentos e interações. Para Díez-Palomar e Flecha García (2010),

en el aprendizaje dialógico se toman en cuenta y se respetan las diferencias del alumnado, poniendo el énfasis en las interacciones que pueden potenciar el aprendizaje y en la transformación del contexto, tanto escolar como el entorno, para conseguir una educación igualitaria. (DÍEZ-PALOMAR; FLECHA GARCÍA, 2010, p. 76)⁵

Dessa forma, fica evidente que não há um jeito único de "ler" um texto, imagem ou obra. Cada participante partirá de seu contexto experiencial, do conhecimento vivencial que traz para fazer a sua leitura, configurando-se como uma das maneiras pela qual ocorre o aprendizado sem necessariamente levar em consideração o conhecimento formal, validado academicamente. “En esa diversidad se producen diálogos que hubiesen sido imposibles en grupos homogéneos y segregados” (DÍEZ-PALOMAR; FLECHA GARCÍA, 2010, p. 20)⁶. Assim, a heterogeneidade, tida muitas vezes como vilã dos processos educativos, passa a ser considerada de forma positiva dentro do processo.

5 [...] na aprendizagem dialógica são consideradas e respeitadas as diferenças do alunado, ressaltando as interações que podem potencializar a aprendizagem e a transformação do contexto escolar e de todo o entorno, a fim de alcançar uma educação igualitária. (DÍEZ-PALOMAR; FLECHA GARCÍA, 2010, p. 76, tradução nossa).

6 Nessa diversidade se produzem diálogos impossíveis de serem realizados em grupos homogêneos e segregados. (DÍEZ-PALOMAR; FLECHA GARCÍA, 2010, p. 20, tradução nossa).

2 A TERTÚLIA PEDAGÓGICA DIALÓGICA: ESPAÇOS, TEMPOS E MOVIMENTOS

O produto educacional a ser apresentado aqui foi se construindo ao longo das observações realizadas durante o acompanhamento dos encontros de preparação para a implantação dos cursos técnicos integrados ao ensino médio. As reuniões eram abertas para toda a comunidade da instituição, para quaisquer servidores que desejassem compartilhar esse tempo e espaço de diálogo e aprendizagem.

Esse foi o cenário no qual o produto foi construído e aplicado. Sua construção teve como base as trocas dialógicas e a interação com as inquietações emergidas do exercício da profissão docente e que foram surgindo durante o desenvolver das reuniões.

A proposta foi elaborada a partir das análises realizadas nas etapas de cada encontro, levando em consideração as reflexões realizadas nas discussões do grupo. Alguns encontros foram realizados a partir de metodologias participativas, que permitiam a interação e inserção plena dos participantes durante o processo de elaboração da proposta. A apresentação da proposta do produto para os participantes da pesquisa se deu no primeiro encontro, ocorrido no mês de outubro, que foi dividido em duas partes e trazia um momento inicial de “sedução e familiarização”.

A primeira parte destinou-se à realização de uma Tertúlia Dialógica Artística para que os docentes pudessem vivenciar a proposta de uma tertúlia dialógica, assim como fazer emergir, de suas experiências, subsídios para a discussão de uma obra artística, que em si já traz contribuições para qualquer área de formação, mas que, em especialmente nesse caso, relaciona-se diretamente com as duas áreas principais do curso: Meio Ambiente e Edificações.

Para a realização dessa atividade foram selecionadas fotografias retiradas da obra *Desobediência Tecnológica* do artista cubano Ernesto Oroza⁷. A obra é a

⁷ Ernesto oroza é artista, designer e autor de livros sobre a criatividade popular expressa em objetos reinventados e no ambiente urbano. Em seu trabalho, ele se interessa criticamente pela cultura material e pelos processos independentes de produção de objetos de seu país, Cuba. A prática de

compilação da mostra artística de mesmo nome, realizada no Centro Cultural da Caixa Econômica, em Recife, no ano de 2015.

A Tertúlia foi realizada tendo as fotografias como elemento gerador da aprendizagem dialógica ao trabalhar a leitura das imagens artísticas como um pano de fundo para um olhar acerca do reaproveitamento ou reutilização de objetos. Trata-se de propor um olhar inusitado para os objetos criando para eles outras funcionalidades segundo uma “Arquitetura da Necessidade”, conforme o autor da mostra denominou.

A figura 1 logo abaixo mostra a capa de abertura da obra.

Figura 1 – Relógio de parede. Havana, 2003-2005

DESOBEDIÊNCIA TECNOLÓGICA



Fonte: Catálogo Mostra *Desobediência Tecnológica*, Recife, 2015. Foto: Ernesto Oroza.

Para percebermos quantas possibilidades a tertúlia nos permite, vejamos, a seguir, os comentários sobre a primeira fotografia da obra que, em princípio, foram registrados por escrito e depois compartilhados oralmente.

Os comentários foram agrupados no quadro 1 a seguir, no qual se levou em

coletar, acumular fragmentos de objetos para serem reutilizados em formas, funções e sistemas técnicos inesperados surge após a convocatória do ministro de Indústrias, Ernesto Guevara, na Primeira Reunião Nacional de Produção, em 1961, para que os trabalhadores construíssem suas próprias máquinas. (OROZA, 2015, p. 5).

consideração a repetição de temas convergentes.

Quadro 1 – Comparativo entre as interpretações acerca da primeira fotografia da obra *Desobediência Tecnológica*

Diálogos	Temáticas
- Correria do dia a dia. - Profissional: horário, tempo, imprevisto. - Pontualidade, compromisso, relacionamento. - Atrasos cotidianos e sistemáticos, procrastinação diária. - Opressão que o tempo nos traz. - Corrida contra o tempo.	O tempo como opressor
- Pulseira personalizada de acordo com a personalidade. - Arte.	Adaptação como Arte
- O crochê retrata minha infância, em especial minha mãe crocheteira. - Infância. - Pulseira do relógio – infância. - Meu irmão teve um igual ao primeiro.	Vivência de Infância
- Relógio – A normalização Escola (sem escolha). - Ir para a escola – já dormir de uniforme. - Primeira vez que tive relógio de pulso, que acendia luzinha foi quando comecei a ter aulas divididas na 3ª série.	Memórias de Escolarização

Fonte: Documento produzido pelos participantes da Tertúlia.

No caso da fotografia dos relógios, destacam-se quatro temas: o tempo como opressor, adaptação como arte, vivência de infância e memórias de escolarização. O *tempo como opressor* foi correlacionado à correria vivenciada pelos docentes no seu cotidiano, bem como às consequências dessa dinâmica, tais como atrasos, procrastinações. A temática *adaptação como arte* remete tanto à utilização e como a um artifício artístico para recuperação de um objeto, conferindo-lhe um valor artístico e não meramente funcional. As *vivências da infância* foram expressas tanto pelo uso do objeto durante à infância quanto pela recuperação de um ofício artesanal de pessoas da família. Por sua vez, as *memórias escolares* foram recuperadas pela utilização do objeto, mas também

pela dinâmica cotidiana necessária para a vivência de escolarização.

Na obra, Ernesto Oroza discute as adaptações e apropriações que a população cubana fez dos objetos que as cercavam. Em um momento no qual a única saída era reutilizar, adaptar, transformar, estocar objetos aparentemente sem utilidade. Segundo Oroza (2015),

a acumulação, que é um gesto manual, separou o objeto ocidental do seu respectivo ciclo de vida designado pela indústria e postergou o momento de seu descarte, inserindo-o numa nova linha do tempo. Este primeiro desacato organizou e inscreveu sua própria noção de tempo ao fenômeno produtivo cubano, que denominei *Desobediência Tecnológica*. (OROZA, 2015, p. 10)

Pode-se perceber, a partir da fotografia analisada, que os participantes da Tertúlia não mencionaram em suas primeiras considerações o cerne da discussão que o autor traz, mas os participantes vão estabelecendo relações da obra com suas vivências, sejam elas no âmbito pessoal ou profissional. É nesse sentido que as tertúlias dialógicas partem do diálogo estabelecido para se chegar na discussão central. Nesse exemplo poderíamos ainda partir de discussões sobre a opressão do tempo, necessidades de consumo, capitalismo, valorizações artesanal/industrial, a escola como reflexo das realidades fora dela e as necessidades de reflexão sobre o espaço escolar na construção de processos de aprendizagem que possam permitir as ações de transformação cultural, social.

Outra imagem bastante comentada na Tertúlia foi a da calçada feita com cacos de cerâmica formando um mosaico. Vejamos a figura 2.

Figura 2 – Pavimento improvisado com restos de azulejos coletados pela cidade. Havana, 2012.



Fonte: Catálogo Mostra Desobediência Tecnológica, Recife, 2015. Foto Ernesto Oroza.

As imagens que apresentavam o que Oroza (2015) denominou como “Arquitetura da Necessidade” geraram muitas discussões entre os participantes. Alguns partindo consideraram essas adaptações como “falta de perspectiva”, renomeando para “Arquitetura da Pobreza”.

Um dos participantes até comentou: “Não consigo ver arte, beleza nessas imagens. Apenas pobreza e falta”. Por outro lado, outros participantes puderam enxergar nessas adaptações saídas para aproveitamento consciente e até aproximações com obras de arte do artista espanhol Miró⁸.

Abaixo segue o quadro 2 que apresenta uma comparativo das interpretações acerca da obra de Oroza com cacos de azulejos.

Quadro 2 – Comparativo entre as interpretações acerca da fotografia do pavimento com restos de azulejos

Diálogos	Temáticas
- Aproveitamento. Adaptação. Reuso. - Restos de construção – reutilização. - Reutilização de material que seria destinado para o lixo – outra função. - Reciclagem.	Construção e responsabilidade ambiental.
- Arte. Criatividade. Miró. - Atenção. Cuidado. - Cacos para um vitral. - Piso colorido – repaginando a vida profissional e educacionalmente. - Mosaico com azulejos quebrados.	Construção como atividade artística.
- Pobreza. Necessidade. - Pisos mosaicos – simplicidade. - Casa suja/ casa simples. - Luxo/ lixo. - Simplicidade – enfeites. - Casa do meu avô – pisos.	A Construção e seu reflexo social.

Fonte: Documento produzido pelos participantes da Tertúlia.

⁸ Joan Miró foi um importante artista do Fauvismo e do Cubismo espanhóis. Atuou como pintor, gravador, escultor e ceramista, conseguindo criar sua própria linguagem artística ao retratar a natureza como uma criança ou um homem primitivo. (Cf.: Site eBiografia. Biografia de Joan Miró. Disponível: https://www.ebiografia.com/joan_miro/. Acesso em: 14 jul. 2020.)

Cumpramos ressaltar novamente que, nas tertúlias dialógicas, os caminhos de contato e compreensão da obra são múltiplos e que todos eles são válidos, contribuindo igualmente para construir o percurso a que se destina. Muito mais do que buscar a compreensão direta das obras, a tertúlia permite que, por meio do diálogo, seja possível tecer juntos redes de compreensão que ampliam o universo social, cultural e científico dos participantes.

No exemplo acima, as discussões permitiram perpassar pelas discussões acerca de resíduos da construção civil, passando pelas responsabilidades ambientais, mas trazendo as conexões dessas atividades com discussões mais amplas, abordando a sociedade e as classes sociais, e também trazendo uma aproximação do campo artístico nas associações com a obra de Miró. Aguilar e colaboradores (2010) dizem que

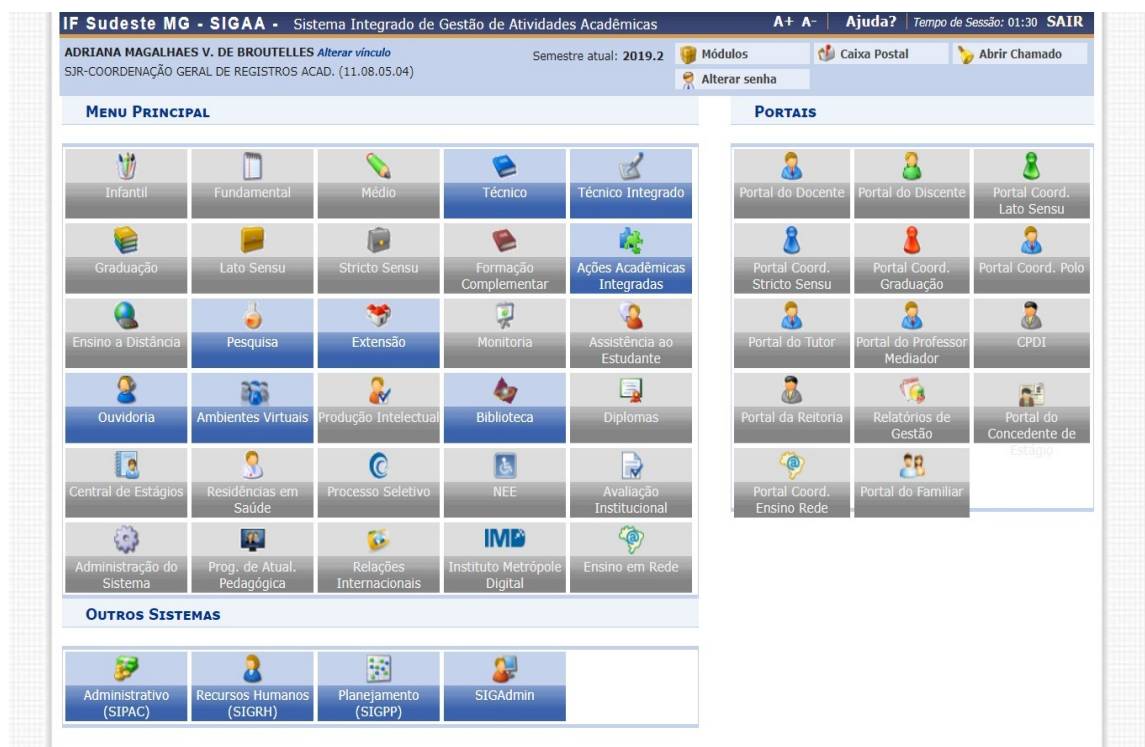
en la experiencia de lectura dialógica, el alumnado encuentra sentido y significación a lo que aprende, conecta los textos con su experiencia personal – mundo de la vida –, de modo que la lectura le ayuda no sólo a comprender el texto, a decodificarlo, sino también a realizar una lectura más compleja del contexto en el que viven – realidad social y cultural. (AGUILAR, 2010, p. 40)⁹

Dessa forma, essa experiência pretendeu, além de apresentar aos docentes a tertúlia dialógica como prática interessante para o contexto em que se busca, também é de propiciar uma formação integral dos estudantes, fomentando reflexões acerca do contexto da aprendizagem dialógica, no qual se propicia a integração entre diferentes áreas do conhecimento.

No segundo momento, foi realizada a apresentação do produto “Tertúlia Pedagógica Dialógica” no ambiente virtual do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA). O SIGAA é um sistema eletrônico de informatização dos dados e dos procedimentos da área acadêmica do IF Sudeste MG. Ele possui, dentre os outros módulos, um ambiente virtual de aprendizagem no qual o espaço dialógico da “Tertúlia Pedagógica Dialógica” foi desenvolvido. Na figura 3 pode-se visualizar, na página do sistema, no menu principal, o módulo ambientes virtuais.

9 [...] na experiência de leitura dialógica, o alunado encontra sentido e significação naquilo que aprende, conecta os textos com sua experiência pessoal – mundo da vida –, de modo que a leitura auxilia não apenas na compreensão do texto e na sua decodificação, mas também contribui para a realização de uma leitura mais complexa do contexto vivido – sua realidade social e cultural. (AGUILAR, 2010, p. 40, tradução nossa).

Figura 3 – Print da página principal do SIGAA

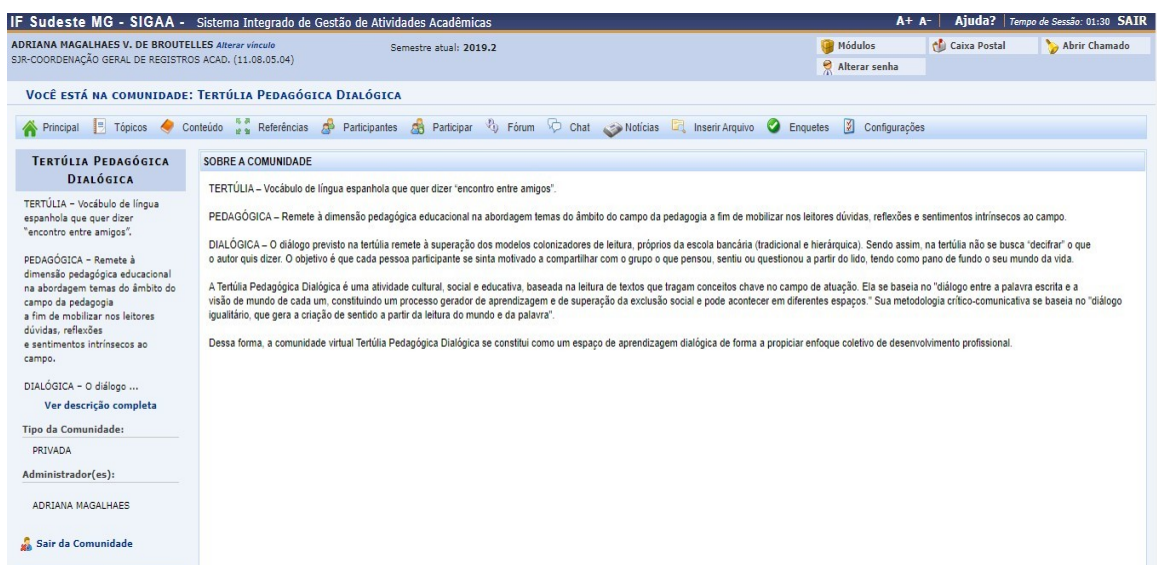


Fonte: SIGAA do IF Sudeste MG.

Dessa forma, essa pesquisa tem como proposta de produto a construção de um espaço dialógico na comunidade virtual do SIGAA, denominado “Tertúlia Pedagógica Dialógica”, um local virtual de interação e diálogo entre professores e Setor de Supervisão Pedagógica, onde obras com foco pedagógico podem ser lidas em conjunto, tendo esse espaço para trocas dialógicas sobre elas.

Ao abrir a página do ambiente virtual, no canto superior esquerdo pode-se ver uma descrição completa da comunidade, com explicações desmembradas acerca dos conceitos “tertúlia”, “pedagógica”, “dialógica”, assim como do que se espera de uma tertúlia dialógica. Logo abaixo está visível quem são os participantes da comunidade. Clicando para ampliar, essa mesma descrição aparece no centro da página, conforme demonstra a figura 4.

Figura 4 – Print da página de descrição da comunidade virtual



Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

Os textos sugeridos para leitura na “Tertúlia Pedagógica Dialógica” (que serão apresentados em seguida) foram escolhidos com base na análise das dinâmicas e das considerações tecidas pelos docentes durante os encontros de preparação para a implantação do ensino médio integrado.

Em uma das dinâmicas dos encontros, foi proposto aos participantes elencar elementos/temas que são de seu domínio e que, portanto, pudessem auxiliar na condução das discussões, e em outra lista enumeraram temas que gostariam de se aprofundar. Ao compilar os dados dessa atividade foi percebido que “Anísio Teixeira” foi citado mais de uma vez na coluna “Preciso de Ajuda”. Por esse motivo, optou-se por iniciar a tertúlia com o texto “Anísio Teixeira na América (1927-1929): Democracia, diversidade cultural e políticas públicas de educação”, retirado do livro *Viagens Pedagógicas* de Ana Chrystina Mignot e José Gondra (2007).

A obra apresenta estudos do ponto de vista histórico acerca de viagens oficiais ou particulares, realizadas por educadores, no intuito de trazer para as políticas públicas educacionais, práticas educativas inovadoras. De acordo com Mignot e Gondra (2007),

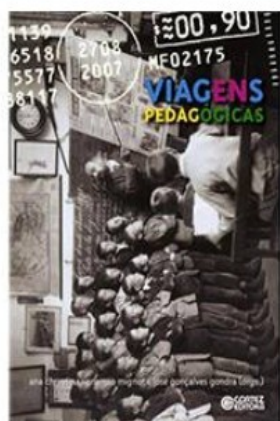
a viagem como técnica de investigação e conhecimento, como prática de observar, experimentar, comparar e produzir conhecimento sobre o outro e sobre si, transforma aquilo que se observa em

experiência significativa na trajetória de vários homens e mulheres, em tempos e espaços diversos, inclusive na de educadores envolvidos com problemas da educação, com as escolas e com os sistemas de instrução. (MIGNOT; GONDRA, 2007)

O texto selecionado, em específico, traça um perfil histórico das influências e ideias de Anísio Teixeira e de suas repercussões na educação brasileira. Seu ponto de vista está centrado nas viagens de Anísio aos Estados Unidos, abordando como essas viagens e os contatos teóricos estabelecidos a partir delas influenciaram nas reivindicações acerca das modificações por ele sugeridas no âmbito da educação brasileira.

Essa concepção de *narrativa histórica de viagens*, que traz um arcabouço histórico, auxiliando aos docentes leitores a pensar nos entrelaçamentos das experiências vivenciadas por Anísio, torna-se interessante na medida em que apresenta de forma tênue para o leitor a rede teórica que vai se constituindo ao longo dessa trajetória.

Figura 5 – Print da página principal com informações da obra *Viagens Pedagógicas*



-- Seleccione uma ação --

Sinopse: Esta coletânea reúne estudos sobre uma determinada estratégia: as viagens de caráter oficial ou particular realizadas por educadores com a intenção de se aproximar de políticas educacionais e práticas pedagógicas inovadoras, questão pouco estudada na historiografia da educação brasileira.

Índice:

1. Viagens de educadores e circulação de modelos pedagógicos
2. Viajes que educan
3. A educação como problema, a América como destino: a experiência de Maria Guilhermina
4. Exercício de comparação: um normalista da Corte na Europa
5. A longa peregrinação de um *professor da roça* na Europa
6. Por las escuelas de Europa: los viajes de Félix
7. Anísio Teixeira na América (1927-1929): democracia, diversidade cultural e políticas públicas de educação
8. Rastros de deslumramento: Cecília Meireles em Portugal
9. Imagens e leituras da educação nova em Portugal: os relatórios de bolseiros portugueses em visita a instituições educativas europeias (1907-1909)
10. Irene Lisboa e Áurea Judite Amaral: dois olhares sobre a escola a partir da "Escola Nova"
11. Entre cartas e cartões postais: uma inspiradora travessia
12. A bordo do navio, lendo notícias do Brasil: o relato de viagem de Adolphe Ferrière
13. Pedagogias: importação-exportação

Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

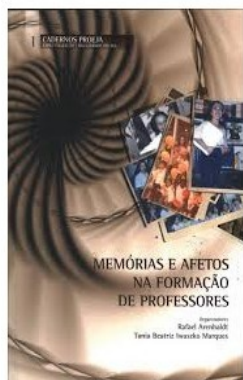
O segundo texto sugerido foi retirado do primeiro volume da coletânea Cadernos Proeja: Especialização/Rio Grande do Sul. Os sete volumes da coleção compreendem as produções científicas do curso de especialização em PROEJA¹⁰ ofertado no Estado do Rio Grande do Sul pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul e pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha.

O primeiro volume denominado *Memórias e Afetos na Formação de Professores* (ARENHALDT; MARQUES, 2010) é a compilação de memoriais de professores e técnicos administrativos, alunos do curso de especialização em PROEJA. Além dessas memórias, o caderno traz um texto inédito, *Paulo Freire: Memórias e Afetos* (FISCHER, 2010) do colaborador do curso, o professor Dr. Nilton Bueno Fischer, e foi este o texto escolhido para leitura na “Tertúlia Pedagógica Dialógica”. O texto em questão caminha de forma suave pelas veredas das obras e teorias freirianas, carregando pelo caminho a leveza e suavidade da afetividade do encontro entre os dois educadores.

Segundo Rafael Arenhaldt e Tania Marques (2010, p. 17), o trabalho com memoriais permite um olhar para dentro de si, um olhar sobre si. Simone Valdete dos Santos, no texto *Memórias e Saudades* (2010), apresenta o desfecho de Nilton Fisher na sua incursão dentro do curso de especialização em PROEJA, buscando resgatar na memória o discurso do educador a relação que estabelecia entre suas vivências familiares e a ciência, quando afirmava que fazer ciência é estabelecer relações, considerando o estético, a música, a corporeidade como referenciais para a pesquisa em educação.

10 A sigla PROEJA corresponde ao Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, instituído pelo Decreto n. 5.840, de 13 de julho de 2006. Teve por prioridade oferecer oportunidade de conclusão da educação básica juntamente à educação profissional para quem não cursou o ensino médio na idade prevista.

Figura 6 – Print da página principal com informações acerca da obra *Memórias e Afetos na Formação de Professores*



Índice:

1. Apresentação
2. Prefácio
3. Escritas de memoriais: um dispositivo para a formação de professores
4. Memórias e saudades
5. **Paulo Freire: memórias e afetos!**
6. Trilha da vida
7. Escrever para escrever-se
8. Mosaico de com-vivências educacionais
9. Memorial de Jorge Fortuna Rial
10. Memorial de Carla Odete Balestro Silva
11. Memorial de Lorita Aparecida Veloso Galle
12. Memorial de Ricardo Pampim dos Santos
13. Memorial de Jeane Rodrigues Nunes
14. Encaixando as peças de um quebra-cabeças
15. Trajetória de uma professora: seus saberes, valores e amores
16. Cartas para Maria Antônia
17. Memorial de Cristina Luisa Conceição de Oliveira
18. "Ký tóg ge ja nýg hamél"
19. A trilha da minha formação
20. Matriciamentos e modelos da/n docência: a escrita de si nos memoriais formativos da especialização proeja
21. Memórias e identidades
22. Os memoriais como proposta de in(ter)venção pedagógica
23. Todo dia

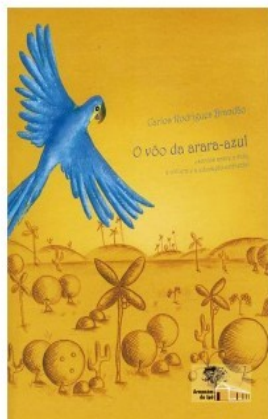
Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

Para finalizar a proposta, foi escolhido o texto *Viver, criar, conviver*, que, com uma escrita cartográfica e fluida, traz a reflexão de como o ser humano se constitui como um ser aprendiz no mundo, introduzindo essa discussão de forma leve na avaliação sobre o “ser educador”. O texto foi retirado do livro *O voo da Arara Azul*, de Carlos Rodrigues Brandão (2007). Um livro que mistura reflexões teóricas de um antropólogo educador a histórias autobiográficas. Como uma apresentação sinóptica do livro, Brandão traz duas questões:

Como é que eu vivi e sigo vivendo a minha vida em minhas relações com os seres vivos com que interajo, com a natureza de que sou parte e em que vivo? Ao longo de meus anos, algo se transformou em minhas maneiras de sentir, pensar e viver isto a que damos o nome de meio ambiente? (BRANDÃO, 2007, contracapa)

Com sua linguagem poética própria, Brandão nos leva a um passeio entre a educação, a biologia e a vida. A figura 7 apresenta a ilustração da capa do livro.

Figura 7 – *Print* da página principal com as informações da terceira obra sugerida



Sinopse: Como é que eu vivi e sigo vivendo a minha vida em minhas relações com os seres vivos com que interajo, com a natureza de que sou parte e em que vivo? Ao longo de meus anos, algo se transformou em minhas maneiras de sentir, pensar e viver isto a que damos o nome de meio ambiente? (...) Outros capítulos de *O voo da arara-azul* percorrem trilhas que vão da antropologia à ecologia. Como? Eles procuram pensar quem é este estranho ser que a si mesmo deu o nome de *Homo sapiens* a partir de algumas diferenças entre nós e outros seres da vida. O que há em nós, em nossa natureza, que nos impele a gestos tão intensos de amor, de solidariedade, de reciprocidade? O que há em nós que nos leva ora a guerras tão absurdas, a um mundo que ingressa em seu "terceiro milênio" (pelo menos para ocidentais e cristãos) ainda tão dividido, tão expropriador, tão pragmaticamente utilitário, tão injusto para com tantas pessoas e tão ameaçador para com toda a vida na Terra? (...) Quando o último capítulo deste livro foi escrito, alguns anos atrás, havia ainda uma última livre, voando entre árvores das margens do Rio São Francisco. Hoje nem sei mais se ela está lá viva e livre. Existem várias, aprisionadas um dia, vendidas a alto preço, levadas para longe, presas em viveiros como um símbolo ainda vivo e azul do que podemos fazer quando achamos que um pouco de ilusória alegria a mais em nossas vidas vale a liberdade e a felicidade de outros seres. Seres da vida, como nós.

Índice:

1. Em nosso nome, em nome da vida
2. Entre sanhaços, sagüis e sabiás – uma pequena autobiografia natural
3. Nós, seres humanos, seres da vida, seres da cultura
4. Viver um tempo, habitar um lugar
5. Conviver um tempo, partilhar um lugar
6. Tornar verde, tornar vivo, tornar sustentável
7. A mão e a mente – a natureza da cultura
8. **Viver, criar, conviver**
9. A arara de todos
10. Viver em paz – um pequeno ideário
11. Indicações bibliográficas

Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

Após a escolha dos textos, a Tertúlia Dialógica foi criada no ambiente virtual do SIGAA. Os textos foram disponibilizados a partir de um *link* nas imagens das capas dos livros. Ao clicar na capa de cada obra, o leitor é direcionado para o *pdf* do capítulo selecionado para leitura.

Para aguçar a curiosidade para a leitura do capítulo selecionado e também pelo livro em si, abaixo de cada imagem foi disponibilizada a sinopse da obra e um índice de cada capítulo. O item selecionado para leitura fica em negrito para ser destacado dos demais, conforme pode ser observado no *print* da figura 7.

Abaixo das apresentações das obras há o item “referências” (Figura 8) com *links* que abrem em outra sessão da plataforma virtual, contendo, além da referência da obra propriamente dita, algumas informações relevantes sobre os autores ou organizadores.

Figura 8 – Print da página principal onde estão alocadas as referências

CAÇÕES E REFERÊNCIAS DA COMUNIDADE		
Cadastrar Referência Alterar Remover Visualizar		
REFERÊNCIAS CADASTRADAS		
Nome	Tipo	URL
Memórias e Afetos na Formação de Professores	OUTROS	http://blog.aai.ifrs.edu.br/arquivos/memorias_e_afetos_na_formacao_de_professores.pdf
O Vão da Arara Azul	LIVRO	http://www.skoob.com.br/livro/pdf/o-voo-da-arara-azul/livro:318523/edicao:356720
Viagens Pedagógicas	LIVRO	http://
Tertúlia Literária Dialógica: teoria e prática	OUTROS	http://revistaexo.ifb.edu.br/index.php/editoraifb/article/view/365

Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

Ao clicar no *link* de cada referência, abre-se uma página à parte com a descrição bibliográfica completa e informações sobre os autores e organizadores, conforme apresentado na figura 9 acerca da obra *Viagens Pedagógicas*.

Figura 9 – Print da página referente às referências

DADOS DA REFERÊNCIA
Tópico: Tertúlias Pedagógicas Dialógicas Título: Viagens Pedagógicas Tipo: LIVRO Endereço (URL): http:// Descrição: MIGNOT, A. C.; GONDRA, J. (org.). Viagens pedagógicas. São Paulo: Cortez, 2007. Sobre os organizadores: Ana Chrystina Venancio Mignot Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), da qual é Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutora em Ciências Humanas - Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997) e Mestre em Educação pela mesma instituição (1988). Autora de livros, organizadora e co-organizadora de coletâneas que reúnem historiadores da educação brasileiros e estrangeiros, tem publicações no Brasil, Argentina, Portugal, Itália, França, México e Espanha. Foi curadora de exposições sobre escritas escolares, cartas de leitores e viagens de educadores em importantes espaços culturais. Presidiu e atuou como membro de comissão organizadora e de comitês científicos de eventos acadêmicos internacionais, de comissões de avaliação da CAPES, da FINEP, da FAPERJ e da FAPEMA. Atualmente, é Coordenadora de Projeto de Internacionalização Capes/Print, integra a diretoria da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica (BioGraph), o conselho científico de editoras, coleções publicadas no país e no exterior e revistas especializadas: Cadernos de História da Educação, Educação em Questão, Le sujet dans la Cité e Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade. Tem se dedicado a pesquisar a história da educação, notadamente trajetórias de educadores e produção e circulação de modelos educacionais e práticas pedagógicas escolanovistas. Pesquisadora do CNPq, Cientista de Nosso Estado (FAPERJ) e Procientista (UERJ/FAPERJ). José Gonçalves Gondra Professor Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1991), doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2000), com estágio de pós-doutoramento no Departamento de História da UNICAMP e na Divisão de História da Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, de Paris (2008-2009). Coordenou o GT de História da Educação da ANPED (2002-2005), tendo integrado e coordenado o Comitê Científico da ANPED entre 2008 e 2010. Participou do comitê editorial da Revista Brasileira de História da Educação e atualmente integra os comitês das revistas Cadernos de História da Educação (Uberlândia), História da Educação (ASPHÉ), Acta Scientiarum (UEM), Inice (UNR-Rosario- Argentina), Pro-posições (UNICAMP) e Educar em Revista (UFPR). É sócio fundador da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), tendo sido eleito vice-presidente da mesma para o biênio 2010-2011 e reeleito para o biênio 2012-2013. Foi eleito presidente da SBHE para o biênio 2013-2015. É consultor ad-hoc de periódicos especializados, editoras e agências de fomento. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em História da Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: história da educação brasileira, educação no império, história da infância e historiografia. É pesquisador da FAPERJ no programa Cientista do Nosso Estado, do PROCIENTIA UERJ/FAPERJ e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ entre 2012 e 2017 e o Fórum Nacional de Coordenadores de Programas de Pós-graduação em Educação da ANPED entre 2015 e 2017.

Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

Após as referências, como um tópico à parte, encontram-se os fóruns (Figura 10). É esse o espaço em específico que foi destinado aos comentários, impressões e considerações acerca dos textos selecionados para leitura. Para cada texto foi aberto um fórum de discussão, sendo também criado outro para avaliação com sugestões e comentários.

Figura 10 – Print da página principal visualização dos fóruns criados

Título	Respostas	Criador	Última Postagem	
Avaliação e sugestões	1	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	18/11/2019 15:43:04	
Viagens Pedagógicas	5	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	18/11/2019 15:19:48	
Viver, Criar, Conviver	6	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	04/11/2019 16:59:46	
Memórias e Afetos	2	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	25/10/2019 11:08:23	

[Ver todas as mensagens...](#)

Ambientes Virtuais

SIGAA | Instituto Federal do Sudeste de MG - IF Sudeste MG | Copyright © 2006-2019 - IF Sudeste MG - sig08.ifsudestemg.edu.br/sig08 - v3.32.17

Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

Ao lado direito da tela pode-se visualizar o tópico “notícias” (Figura 11), no qual encontram-se duas notícias sobre a utilização de tertúlias dialógicas no campo das ciências. Uma delas se refere a uma matéria popular atual abordada em um dos fóruns. As outras duas referem-se respectivamente ao campo do turismo sustentável, e ao uso de tertúlias em um museu de ciências da terra.

Figura 11 – Print da página das notícias postadas

NOTÍCIAS CADASTRADAS	
Título	
Moradores de Caldas denunciam crimes da mineradora	  
Tertúlia e Turismo Sustentável	  
Museu Ciências da Terra promove Tertúlias Lunares	  

Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

Abaixo do tópico “notícias” se encontram as enquetes (Figura 12). Foram inseridas cinco enquetes com o objetivo de avaliar o produto educacional “Tertúlia Pedagógica Dialógica”, contribuindo, assim, para sua validação e posterior adaptação para implementação.

Figura 12 – Print da página de cadastro das enquetes

ENQUETES DA COMUNIDADE			
 Cadastrar Enquete  : Alterar  : Remover  : Votar  : Visualizar			
ENQUETES CADASTRADOS			
Pergunta da Enquete	Criador da Enquete	Data de criação	
A disponibilidade de um espaço dialógico poderá contribuir para sua atuação profissional?	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	27/08/2019	   
A prática de tertúlias pedagógicas dialógicas poderá contribuir para uma melhor aproximação dos docentes com o Setor de Supervisão?	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	29/08/2019	   
A prática de tertúlias pedagógicas dialógicas pode ser considerada um espaço para formação permanente dos docentes?	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	29/08/2019	   
Com qual obra você mais se identificou?	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	02/09/2019	   
Gostaria de ter participado de tertúlias dialógicas como esta quando ingressou no IF?	ADRIANA MAGALHAES VEIGA DE BROUTELLES	29/08/2019	   

Fonte: Ambiente Virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica – SIGAA IFSudeste MG.

3 CONTRIBUIÇÕES DA COMUNIDADE VIRTUAL “TERTÚLIA PEDAGÓGICA DIALÓGICA”

No processo de materialização do produto educacional, é importante observar e levar em consideração alguns elementos: a definição, a elaboração, a aplicação, a contribuição e a validação (LOCATELLI; ROSA *apud* FREIRE *et al.*, 2017). Nesse sentido, trataremos aqui das contribuições do produto ao campo de pesquisa estudado e da validação realizada pelos participantes da pesquisa.

Em relação às contribuições, é possível destacar que esses professores foram capazes de mobilizar saberes de outras áreas do conhecimento, favorecendo com isso a interação com os demais colegas, levando em consideração os conhecimentos de seus pares. À medida que o grupo foi compreendendo a dinâmica dos encontros, as participações ficavam mais intensas e diversificadas, de modo que o grupo pôde contar com alguns dos participantes para gerir encontros, sugerir temas, abordagens e compartilhamento de conhecimentos e práticas utilizadas pelos docentes.

Isso aconteceu, principalmente, no encontro presencial em que se desenvolveu a “Tertúlia Dialógica Artística: Desobediência Tecnológica”, mas também pela leitura dos textos da “Tertúlia Pedagógica Dialógica” e pela interação nos fóruns disponíveis na comunidade virtual.

Abaixo, segue o comentário de um dos participantes acerca de sua interação com vídeos e com a reportagem disponibilizados no fórum “Viver, criar e conviver”:

Gostei muito do vídeo de Carlos Brandão sobre o sítio como um lugar de partilha. Me chamou a atenção este amor pelas áreas rurais, trabalho compartilhado em uma casa de acolhida. Muito boa também a reportagem sobre a ligação entre Rubem Alves e o Sítio Rosa dos Ventos. (P1)

Quando se disponibiliza o texto escrito, como ele se apresenta, com a possibilidade de ir além, percorrendo os elementos e contextos vivos que pertencem a esse texto, como a possibilidade de ouvir o autor discorrendo sobre as ideias postas nele por meio da história de um local por ele criado, é feita essa conexão entre o escrito e o vivido. O vídeo e os demais materiais disponíveis no fórum traziam um pouco do contexto e alguns conceitos acerca do viver, do criar e

do conviver dentro do espaço que Brandão (2013) denominou como “Casa de Acolhida Rosa dos Ventos”. O contato possibilita aos sujeitos partícipes da comunidade a realização de uma viagem virtual por esse local, permitindo experienciar o espaço e estabelecer uma certa proximidade com essas criações e vivências.

O comentário postado no fórum “Memórias e Afetos” confirma a riqueza das experiências desse “eu” docente e suas reverberações na sua prática.

O texto é leve, é preciso. Para além da lindura da obra freiriana e da beleza da escrita desse seu leitor... A ideia de diálogo me chama muita atenção! Me parece que essa ideia está despregada do tempo escolar, tal como o temos hoje... Inserir a escuta e o diálogo na sala de aula, no meu ponto de vista, exige que repensemos nosso tempo... Escolar... Precisamos pensar em uma forma de inserir o tempo do Eu... Sem ele o diálogo fica prejudicado... Nos esquivar do tempo do mercado... Do tempo das coisas é, no meu ponto de vista, um grande desafio para alcançarmos o diálogo! (P2)

A consideração desse participante da comunidade remete novamente às angústias que surgiram no encontro presencial com o grupo, momento em que uma discussão sobre “o fator tempo” emergiu como um elemento a se considerar para que o diálogo pudesse realmente fluir e ser efetivo. Esse foi um elemento limitador do produto aqui apresentado. Conforme avalia um dos participantes: “o tempo é um fator limitante” (P3). No fórum de avaliação, volta a comentar que uma limitação observada no desenvolvimento do produto foi o tempo disponível, sendo que as interações na comunidade virtual puderam ter sido prejudicadas pela rotina de trabalho. Esse realmente foi um fator que limitou a participação e interação dos participantes, visto que tiveram apenas quatro semanas para participação realizarem participação na comunidade virtual.

Mas esse mesmo participante avaliou como positiva a construção do espaço de colaboração e reflexão. Para ele,

um espaço para reflexão, seja virtual ou presencial, é sempre importante. O espaço virtual permite o acesso em momentos ímpares para o participante, que em certa medida proporcionaria maior acessibilidade a todos os usuários. O espaço criado, possui bons textos e reflexões quanto a sua proposta dialógica, e que certa medida nos falta realizar em nosso dia a dia, e que [...] poderia ocorrer. (P3)

A possibilidade de refletir e repensar a própria formação e as transformações que a partir dela possam vir emergir nas práticas docentes também foi um ponto de discussão no fórum “Viagens Pedagógicas”.

Um dos pontos interessantes para pensarmos a nossa formação enquanto docentes, a partir do texto sobre as viagens de Anísio Teixeira aos EUA, é a questão sobre nossos percursos, ou itinerários formativos. Se olharmos bem, veremos que para Anísio Teixeira, essas viagens – além do fato das viagens em si e dos pontos abordados – encontram-se como uma etapa extremamente importante do seu percurso formativo. Veja-se que ele modifica criticamente vários posicionamentos e como educador busca agir de modo diferenciado e coerente com suas ideias e pensamento. Ilustra-se isso, por exemplo, o momento em que ele assume a coordenação da educação do antigo Distrito Federal (a cidade do Rio de Janeiro) e a tentativa de implementar mudanças e reformas a partir do que ele observou, pensou e experienciou nessas viagens. Cabe ressaltar, ainda, que quando falamos de modo crítico, queremos dizer que Anísio Teixeira não simplesmente copiou um modelo e o aplicou, ou importou ideias, mas ao contrário: com o encontro com outras ideias e experiências, ele de modo criterioso, reformula essas ideias e experiências, que irão servir de espelhamentos para que ele reformule também as suas, o que permite assim, buscar novos caminhos para se pensar a sua realidade. Tudo isso, procurando estar consciente dos pontos positivos e negativos e daquilo que seria válido ou não para a realidade da qual ele provinha. (P4)

Partindo da leitura do texto *Anísio Teixeira na América (1927-1929): democracia, diversidade cultural e políticas públicas de educação*, o participante faz uma reflexão acerca de como nossas experiências permitem observar as concepções que carregamos e, a partir daí, possibilitam gerar transformações no nosso pensar e agir. Ele, então, deixa aos colegas questões que corroboram com reflexões das suas próprias trajetórias: E os nossos percursos formativos? O que que eles nos contam? Quais ideias e experiências que encontramos em nossos caminhos, estradas e viagens? Quando falamos de percursos formativos, quais foram e/ou são os percursos não-formais, ou seja, aqueles "fora dos muros da escola ou academia"?

Ao interagir com questões que foram postadas no fórum pelo colega, P3 discorre sobre as influências internas e externas na construção de sua carreira docente.

Reconhecer os processos formativos que influenciam a nossa carreira é de grande importância, uma vez que a partir destes podemos ter uma consciência crítica para avaliarmos os caminhos a

serem percorridos. Cito o próprio texto, no qual me deixou inquieto a frase: “Avaliamos o que sabemos e o quanto ainda ignoramos” (Mignot; Gondra, 2007). O que ignoramos em nosso percurso? O que foi bom ou que foi ruim? Penso que ambas são importantes, o que foi bom, o que pode ser melhorado, o que foi ruim é o que deve ser melhorado, não há uma perfeição e sim a busca por algo adequado ao momento, ao ambiente, e as pessoas. As experiências que adquirimos em nossa carreira é riquíssima, pois elas nos ajudaram a traçar os nossos objetivos, volto ao texto que cita Silva (1999, p. 27) “... O currículo está envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos....”, observo que há sempre o envolvimento do passado, o atual e futuro para o nosso desenvolvimento observando não só a nossa formação educacional mas também o social, pois acredito que é o caminho que busco a trabalhar para um bem maior. O que podemos observar fora do ambiente acadêmico é muito rico, e é nele que a ciência sempre tende a buscar a atender. Hoje, as grandes *startups* que têm como base a inovação, buscam a atender uma “dor” que a sociedade tem, mesmo que em parte, mas é fonte de inspiração não só para empresas, mas [para] as pessoas também. (P3)

Apesar da limitação posta pelo tempo, o produto ainda assim conseguiu fomentar nos docentes participantes reflexões acerca de seus percursos formativos e de suas práticas cotidianas, contribuindo para que o espaço trouxesse a possibilidade de autoformação nas interações com os textos, com os materiais disponibilizados e os diálogos estabelecidos com os demais colegas participantes.

O texto, mais que mostrar a trajetória de Anísio Teixeira nos Estados Unidos, nos convida, como alguns colegas já colocaram, a fazer uma reflexão sobre nosso próprio percurso enquanto estudantes e, agora, professores. Pensar em nossos percursos formativos é olhar para a estrada que nos trouxe até aqui. Que experiências carregamos na nossa bagagem? Estamos reproduzindo eventuais comportamentos opressores que outros professores tiveram conosco? Aquilo que foi ruim, somos capazes de identificar e melhorar? (P5)

Concordo com a opinião postada pelo P3. A proposta da tertúlia pedagógica é muito oportuna, porém sua proposição próxima ao fim do semestre prejudicou a participação em função da rotina de trabalho. Para além, não podemos perder de vista que muitos docentes ainda não utilizam os recursos do SIGAA, estando pouco familiarizados com o ambiente virtual e suas possibilidades de interação. (P5)

A resposta da enquete por alguns dos participantes corroboram para o reconhecimento da comunidade virtual e da prática de tertúlias pedagógicas

dialógicas como potentes espaços de formação permanente para os docentes, uma vez que essas práticas podem contribuir com as suas práticas no exercício de sua profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi pensando em fomentar novos e potentes espaços de aprendizagem profissional que propusemos a comunidade virtual Tertúlia Pedagógica Dialógica como produto educacional. A construção de comunidades de aprendizagem dialógica tem corroborado enormemente para uma formação docente na perspectiva da autoformação permanente, uma vez que nas tertúlias dialógicas busca-se a aprendizagem pela interação igualitária, propiciando uma construção mais autônoma do conhecimento.

Na experiência apresentada, a Tertúlia Pedagógica Dialógica, ao se constituir como um espaço de aprendizagem dialógica com enfoque no desenvolvimento profissional coletivo, proporcionou um espaço virtual propício para o estabelecimento de trocas dialógicas sobre os diversos saberes e fazeres da profissão docente, ao mesmo tempo em que os professores e demais servidores participantes puderam interagir e trocar materiais, experiências e vivências.

Nesse percurso, identificamos a necessidade de se direcionar um olhar mais atento para o cotidiano escolar, para os espaços nos quais esses profissionais possam estar se desenvolvendo tanto no âmbito profissional, quanto na dimensão humana. Nisso tudo, o trabalho realizado no *Campus* São João del-Rei buscou continuamente a reflexão sobre esses tempos e espaços necessários para a construção, seja na estruturação dos processos de qualificação e capacitação, ou no fomento de eventos e projetos que possam integrar esses saberes.

Por fim, compreendemos que, para que a formação permanente seja devidamente valorizada no trabalho cotidiano do docente, é imprescindível que políticas públicas e institucionais sejam fomentadas no sentido de direcionar um olhar mais atento para os processos formativos dos docentes.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, Consol; ALONSO, María José; PADRÓS, María; PULIDO, Miguel Ángel. Lectura dialógica y transformación en las Comunidades de Aprendizaje. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, vol. 24, n. 1, abr. 2010, pp. 31-44. Universidad de Zaragoza, Zaragoza, España.

ARENHALDT, Rafael; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Orgs.). **Memórias e Afetos na Formação de Professores**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010. (Série: Cadernos Proeja-Especialização-Rio Grande do Sul).

ARROYO, Miguel G. Trabalho – Educação e Teoria Pedagógica. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (org.). **Educação e Crise do Trabalho: perspectivas de final de século**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008..

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O voo da arara-azul: escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental**. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007.

_____. **Entevista Rosa dos Ventos**. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=eWeiWu3Ttog>. Acesso em: 14 out 2019.

CONSTANTINO, F. L. *et al.* Comunidades de Aprendizagem: construindo uma nova forma de ser escola. **Rev. Ciênc. Ext.** v. 8, n. 3, p. 205-211, 2012.

DÍEZ-PALOMAR, Javier; FLECHA GARCÍA, Ramón. Comunidades de Aprendizaje: un proyecto de transformación social y educativa. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado** [en línea] 2010, 24 (Abril-Sin mes). Disponible en: ISSN 0213-8646.

FISCHER, Nilton Bueno. Paulo Freire: Memórias e Afetos. In: ARENHALDT, Rafael; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Orgs.). **Memórias e Afetos na Formação de Professores**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GABASSA, Vanessa. **Contribuições para a transformação das práticas escolares: racionalidade comunicativa em Habermas e dialogicidade em Freire**. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade

Federal de São Carlos (UFSC), São Carlos. 2006.

GEILFUS, Frans. **80 herramientas para el desarrollo participativo**: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación / Frans Geifus – San José, C.R.: IICA, 2002.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio; GONDRA, José Gonçalves (Org.). **Viagens pedagógicas**. São Paulo: Cortez, 2007.

OROZA, Ernesto. **Desobediência Tecnológica**. Curadoria de Fernanda Terra Produção da Museo Museologia e Museografia Cenotécnica e Iluminação Arts Monta Design. Caixa Cultural Recife, 2015.

PACHECO, Elieser. **Os institutos federais**: uma revolução na educação profissional e tecnológica. Natal: IFRN, 2010. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1013/Os%20institutos%20federais%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 22 maio 2020.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 21 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SANTOS, Simone Valdete dos . Memórias e Saudades. In: ARENHALDT, Rafael; MARQUES, Tania Beatriz Iwaszko (Orgs.). **Memórias e Afetos na Formação de Professores**. Pelotas: Editora Universitária/UFPEL, 2010. (Série: Cadernos Proeja-Especialização-Rio Grande do Sul).

Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2019.

_____. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782009000100012&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 02 maio 2018.

VALLS, Rosa; MUNTÉ, Ariadna. Las claves del aprendizaje dialógico en las Comunidades de Aprendizaje. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**. Universidad de Zaragoza, Zaragoza, Espanha. vol. 24, núm. 1, abril, 2010, pp. 11-15.

